

EXPOSIÇÃO

MUSEU

MUSEUM

EXHIBITION

METEORIZAÇÕES



FILIPA CÉSAR ET AL.

SERRAVES
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

A exposição é organizada pela Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, com curadoria de Inês Grosso, curadora-chefe do Museu de Serralves, e de Paula Nascimento, curadora convidada.

Produção e coordenação: Rui Manuel Vieira
Arquitetura: Barbosa Mateus Arquitetos
Paisagem sonora: João Polido Gomes
Assistência artística: Patrícia Azevedo e Guilherme Monteiro

The exhibition is organised by the Serralves Foundation — Museum of Contemporary Art, curated by Inês Grosso, chief curator of the Serralves Museum, and Paula Nascimento, guest curator.

Production and coordination:
Rui Manuel Vieira
Architecture: Barbosa Mateus Architects
Soundscape: João Polido Gomes
Artistic assistance: Patrícia Azevedo and Guilherme Monteiro

METEORIZAÇÕES

FILIPA CÉSAR ET AL.

Meteorizações, de Filipa César (Porto, 1975), no Museu de Serralves, é a primeira grande apresentação da artista em Portugal e assinala um momento importante no seu percurso. Com curadoria de Inês Grosso e Paula Nascimento, a exposição reúne mais de quinze anos de investigação e produção, resultado de múltiplas viagens e de um trabalho em torno da Guiné-Bissau, dos seus arquivos audiovisuais – em particular o chamado “cinema militante” – bem como de outras formas de resistência ao fascismo e ao colonialismo, e das práticas locais de preservação e circulação de imagens, em articulação com o legado político-cultural de Amílcar Cabral (Bafatá, 1924 – Conacri, 1973), líder do movimento de libertação da Guiné-Bissau e Cabo Verde, agrónomo e pensador anticolonial fundamental na história do século XX.

A exposição apresenta filmes, objetos e documentos que colocam em relação diferentes contextos de luta e resistência — da desobediência antifascista em Portugal às lutas anticoloniais na Guiné-Bissau — e mostram como a prática da artista se desdobra a partir dessas histórias, trabalhando com arquivos audiovisuais, o mangal enquanto forma de organização coletiva, e investigações em torno da ótica e da tecelagem como modos de pensar a transmissão e a ação política.

O título parte de um conceito geológico apropriado de Cabral para definir a superfície da terra como resultado

de processos histórico-políticos e ambientais de transformação contínua. A meteorização designa o fenómeno de encontro e choque entre rocha e ar do qual o solo resulta, mas também a erosão das matérias expostas ao tempo e aos processos históricos. Na exposição, este conceito torna-se um instrumento para pensar os arquivos e saberes que se perdem ou desgastam e como, da sua erosão e lacuna, resultam possibilidades de ativação de práticas, vozes e silêncios, propondo como os movimentos de libertação anticoloniais são intrinsecamente ligados à defesa da terra, “o povo é a montanha”, e como a sua documentação e difusão ativam múltiplas agências e propostas de reparação.

Mais do que seguir uma ordem cronológica, a exposição propõe uma leitura que articula materiais, épocas e dispositivos de imagem, convidando o público a pensar as relações entre diferentes processos históricos de emancipação e as suas ressonâncias no presente. A arquitetura, concebida em estreita colaboração com o atelier Barbosa Mateus Arquitetos, é um elemento central e unificador das obras expostas; por outro lado, a utilização de blocos de cânhamo e de outros materiais naturais reforça a dimensão política e ecológica da exposição e contribui para uma materialidade coerente com a investigação da artista, que frequentemente relaciona práticas de solo, território e memória. A esta dimensão espacial junta-se a paisagem sonora criada por João Polido Gomes, compositor e artista, cuja intervenção, concebida para cada sala, estabelece relações subtis com as obras e contribui para a construção de um ambiente imersivo.

Meteorizações é também uma celebração do trabalho colaborativo que marca a prática artística de César, dando visibilidade às redes que criou com comunidades, curadores e intelectuais, cineastas, artistas e investigadores como Sana na N'Hada, Sónia Vaz Borges, Marinho de Pina, Louis Henderson, et al. Dessa forma, a exposição subverte o formato tradicional de retrospectiva ao privilegiar processos coletivos de investigação, restituição e releitura de arquivos, uma abordagem particularmente pertinente num tempo de ascensão da extrema-direita e de reconfiguração das memórias coloniais na Europa, em que o passado é frequentemente instrumentalizado e simplificado. Ao afirmar a história como um processo comum e em transformação, a exposição reivindica a complexidade dos seus legados e a necessidade de os repensar coletivamente.

METEORISATIONS

FILIPA CÉSAR ET AL.

Meteorisations, by Filipa César (Porto, 1975), on display at the Serralves Museum, is the artist's first major exhibition in Portugal, that marks an important moment in her career. Curated by Inês Grosso and Paula Nascimento, the exhibition features works that are fruit of over fifteen years of research and production, resulting from multiple trips and her ongoing engagement with Guinea-Bissau's audiovisual archives – in particular the so-called Militant Cinema of the period of the liberation struggles – as well as other forms of resistance to fascism and colonialism, local practices of preservation and circulation of images, and the political and cultural legacy of Amílcar Cabral (Bafatá, 1924 – Conakry, 1973) – the leader of the liberation movement of Guinea-Bissau and Cape Verde, who was an agronomist and fundamental anti-colonial thinker of the 20th century.

The exhibition presents films, objects and documents that place different contexts of struggle and resistance in relation to one another — from anti-fascist disobedience in Portugal to anti-colonial struggles in Guinea-Bissau — and show how the artist's practice unfolds from these histories, working with audiovisual archives, the mangrove as a form of collective organisation, and investigations into optics and weaving as ways of thinking transmission and political action.

The exhibition is named after a geological concept appropriated by

the agronomist Cabral to describe the earth's surface as the result of both environmental processes and historical-political processes, in continuous transformation.

Meteorisation describes the phenomenon of the encounter and collision between rock and the air, thereby creating soil, correlating with the erosion of materials as they are exposed to the passage of time and historical processes. Filipa César uses this concept to think about knowledge and archives that are lost or slowly diminished, and how, as a result of their erosion and gaps, new possibilities for the activation of practices, voices and silences may arise. The artist thereby proposes that anti-colonial liberation movements are intrinsically connected to defence of the land, based on the idea that “the people are the mountain”, and whereby documentation thereof and its respective transmission activates multiple agencies and proposals for redress.

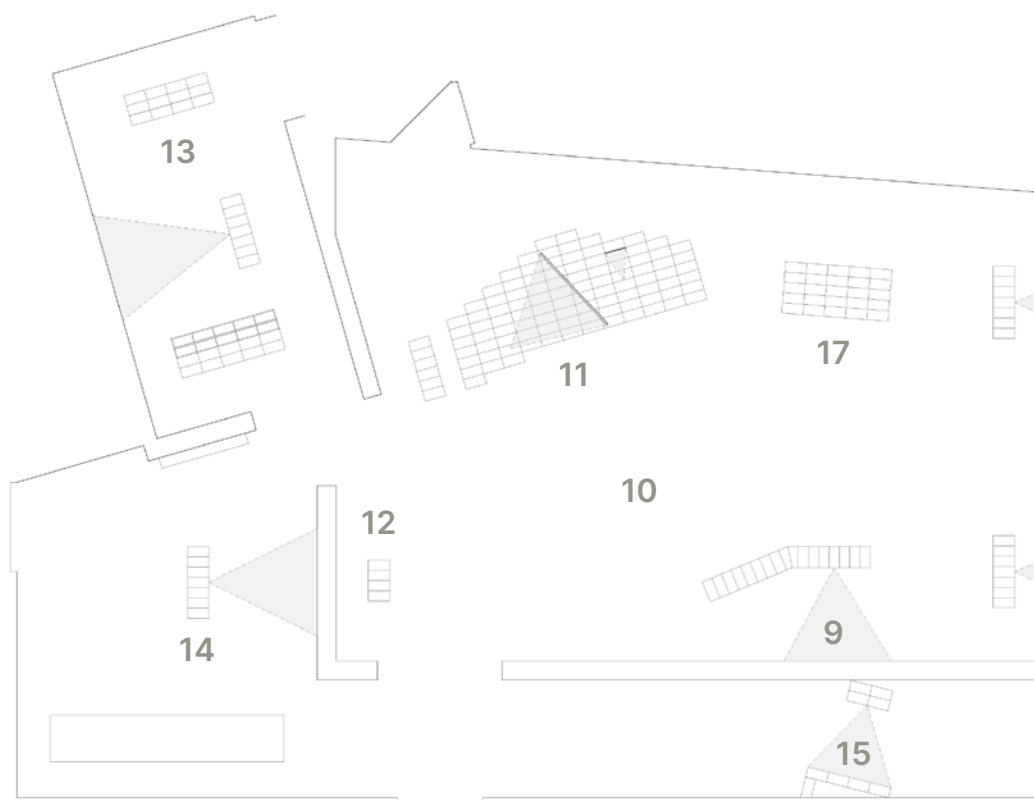
Rather than observing a linear chronological order, *Meteorisations* proposes a reading that articulates different materials, eras and image devices, inviting visitors to think about the relationships between different historical processes of emancipation and their resonance in the present.

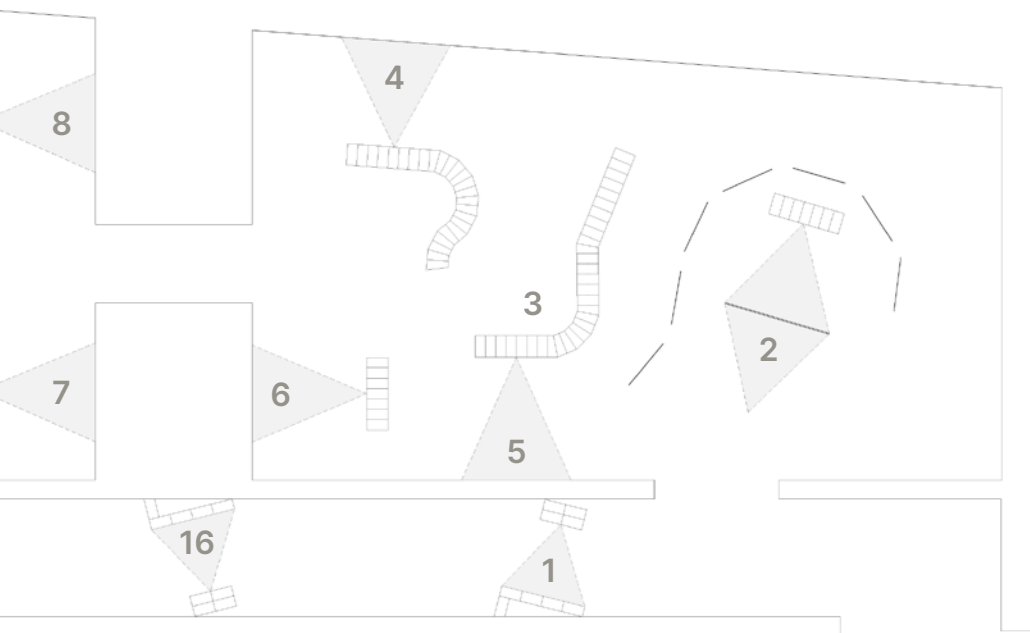
The architecture, designed in close collaboration with the atelier of Mariana Mateus Barbosa, plays a central and unifying role for all works on display. The use of hemp blocks and other natural materials reinforces the exhibition's political and ecological dimensions and contributes to a sense

of materiality that is consistent with the artist's research, which often links practices of soil, territory and memory. This spatial dimension is complemented by the soundscape, created by the composer and artist, João Polido Gomes, whose intervention, with distinct design for each room, establishes different subtle relationships with the various works and helps build the exhibition's immersive environment.

Meteorisations is also a celebration of the collaborative work that underpins César's artistic practice, giving visibility to the networks she has created with communities, curators and intellectuals, artists and researchers such as Sana na N'Hada, Sónia Vaz Borges, Marinho de Pina, Louis Henderson, et al. The exhibition thereby subverts the traditional format of a retrospective, by focusing on collective processes of research, restitution and reinterpretation of archives. This approach is particularly relevant at a time when the far right is gaining force and colonial memories are now being reconfigured in Europe, often involving an instrumentalisation and simplification of the past. By affirming history as a common and evolving process, the exhibition highlights the complexity of historical legacies and the need to collectively rethink them.

MAPA DA EXPOSIÇÃO
EXHIBITION MAP





OBRAS EM EXPOSIÇÃO

GALERIAS DO MUSEU

1

The Embassy, 2011

Vídeo HD, a cores, com som, 27'

A Embaixada (2011) marca um momento inicial no longo envolvimento de Filipa César com materiais de arquivo da Guiné-Bissau. A obra desenvolve-se a partir de um gesto simples, mas decisivo: um arquivista guineense a manusear um álbum de fotografias da era colonial. Este ato de tocar, folhear e comentar as imagens torna-se o ponto de partida para uma reflexão sobre a memória, a autoridade dos arquivos e os regimes visuais herdados do colonialismo português.

O álbum, composto por fotografias das décadas de 1940 e 1950, retrata paisagens, arquitetura e pessoas conforme as convenções representacionais do governo colonial. Ao ser apropriado por Armando Lona, investigador e arquivista associado ao INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, Bissau), o material é retirado do seu contexto original. As imagens deixam de ser apresentadas como documentos históricos neutros e passam a ser ativamente reenquadradas, questionadas e reivindicadas através da interpretação de Armando Lona.

Ao explorar o envolvimento físico e verbal de Lona com o álbum, a obra desenvolve-se como uma narração multifacetada das histórias entrelaçadas entre a Guiné-Bissau e Portugal. Em vez de apresentar o arquivo como um repositório fixo do passado, o filme interroga: quem fala, quem olha e sob qual perspetiva. A obra antecipa preocupações que se tornarão centrais na produção posterior de César, situando o arquivo como um local disputado de agência crítica e reflexão política.

Texto e performance de Armando Lona, fotografia e montagem de Filipa César, som de Nuno da Luz, assistência de Jorge Biague e Philip Metz, filmado no INEP: Instituto Nacional de Investigação e Estudos, Bissau, encomendado por Valerie Smith para Labor Berlin 5, Haus der Kulturen der Welt, Berlim.

2

Le Passeur, 2008

Filme de 16 mm transferido para vídeo HD, a cores, com som, 34' 30'

Esta instalação cinematográfica de dois ecrãs decorre na fronteira entre Portugal e Espanha durante a ditadura do Estado Novo e é a primeira obra da exposição, aqui rodeada por uma série de tecidos suspensos, pintados à mão, que resultou da performance *Score* (Anotação) (2025).

Num ecrã, quatro ex-passadores contam como ajudavam pessoas a atravessar ilegalmente a fronteira, partilhando memórias pessoais de solidariedade e risco. No ecrã oposto, a câmara acompanha o rio Trancoso, na região da Beira Alta, em Portugal, junto à fronteira com Espanha, onde muitas dessas travessias ocorreram.

A justaposição do testemunho verbal com o fluxo contínuo do rio aproxima a paisagem da experiência vivida, trazendo à tona as formas de resistência que ocorreram à margem das narrativas oficiais. A obra reflete um interesse precoce pelas histórias marginalizadas e pela memória verbal, preocupações que continuariam a moldar a prática de Filipa César em projetos posteriores.

Com Manuel José Carrilho de Simas Santos, Candida Laurinda Alves de Simas Santos,

Marcelo Correia Ribeiro, José Teixeira Gomes, realizado por Filipa César. Fotografia de Aurélio Vasques, operador de grua: Gonçalo Colaço. Som de Raquel Jacinto e Magnus Pfüger. Assistente de montagem: Bruno Grilo. Coprodução: Alexandre Azinheira. Financiado pela Fundação Ellipse, Cascais.

Anotação, 2025

7 telas de algodão, 420 × 150 cm cada,
goma arábica e pigmento ultramarino
Rosa César Waschke & Filipa César

uma pinta uma linha
a seguinte imita imediatamente a linha abaixo
uma continua a imitação alternando
com a seguinte
até não haver mais espaço abaixo
enquanto pinta, abstenha-se de contemplar
ou julgar
molhar em água
deixar secar
pendurar

3

Navigating the Pilot School, 2016

Vídeo HD, a cores, com som, 11'50"

Navigating the Pilot School (2016) centra-se na Escola Piloto, em Conacri, desenvolvida pelo PAIGC durante as lutas de libertação da Guiné-Bissau. Concebida como um laboratório para a futura construção da nação, a escola tinha como objetivo educar crianças guineenses no exílio enquanto a guerra ainda decorria. O filme combina um testemunho oral de Teresa Araújo, que frequentou a escola enquanto aluna, com imagens de arquivo da Guiné-Bissau. Através deste diálogo entre memória e arquivo, e das mãos de duas crianças que desmontam um modelo em madeira da escola, a obra reflete sobre

educação, transmissão e a frágil construção das histórias coletivas.

Com Teresa Araújo, Guilherme Almeida Dias e Rosa César Waschke. Compilação de Filipa César e Sónia Vaz Borges, por encomenda de Tom Holert para *Learning Laboratories: Architecture, Instructional Technology, and the Social Production of Pedagogical Space Around 1970*, BAK – basis voor actuele kunst, Utrecht.

4

Mangrove School, 2022

Filme de 16mm transferido para vídeo HD, a cores, com som, 40'

Mangrove School (2022) documenta um projeto de investigação coletiva liderado por Filipa César e Sónia Vaz Borges, centrado nas escolas de guerrilha criadas durante as lutas de libertação da Guiné-Bissau contra o domínio colonial português. Estas escolas foram estabelecidas em territórios libertados pelo PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde), como parte de um projeto político e social mais amplo que colocava a educação no centro do movimento de independência. Por vezes situadas em zonas de mangal, pela segurança e capacidade de ocultação que proporcionam, estas escolas eram estruturas móveis e improvisadas, onde crianças e adultos aprendiam a ler, a escrever e a refletir politicamente em contexto de guerra. Neste enquadramento, a educação surge não apenas como um instrumento de emancipação, mas como uma forma integrante de resistência no seio da luta de libertação.

Em vez de reconstruir esta história a partir de uma posição distanciada, o filme destaca a investigação enquanto processo coletivo e incorporado. De volta ao mangal, os

cineastas passam a ser alunos: a primeira lição é aprender a andar. A própria paisagem do mangal torna-se um espaço pedagógico. O atravessamento de um terreno instável e lamacento convoca o corpo a responder de modos específicos, transformando o ato de caminhar numa forma de aprendizagem e de reencenação. O conhecimento emerge da atenção, do equilíbrio e da cooperação, ecoando a disciplina física exigida àqueles que outrora viveram e estudaram nestes ambientes.

Ao entrelaçar a investigação histórica com o movimento contemporâneo através do mangal, o filme faz colapsar a distância temporal, permitindo que pedagogias do passado ressoem no presente. *Mangrove School* reflete sobre a educação enquanto prática indissociável do território, das lutas e da vida coletiva, e sobre a aprendizagem enquanto atividade moldada tanto pelos corpos e pelas paisagens como pelas ideias.

O projeto assenta na colaboração e na aprendizagem partilhada, recusando uma posição de observação distanciada. O mangal funciona simultaneamente como cenário e como metáfora: um ecossistema denso e interdependente que espelha formas coletivas de conhecimento, de sobrevivência e de organização política.

Com Amadeu Pereira na Onça, Bedam na Onça, Bissabonha Bissora na Onça, Bangna Agostinho Manque, Braima Quelenque, Cristina João Bico Mendes, Djenabu Mendes, Genê Psolé na Saué, Geraldo na Onça, Iaia Camará, Iaia Mendes, Jardel Dabo, Marcelino Mutna, Marinho de Pina, N'sae Ndiba, Pedro Bedam na Onça, Rui Nene Djata, Sofmba na Dua, Suleimane Biai e todos os seres além-humanos da comunidade de Malafo. Concebido e realizado por Filipa César e Sónia Vaz Borges. Direção de fotografia de

Jenny Lou Ziegel. Som de Marinho de Pina e João Polido Gomes. Coprodução de Filipa César, Olivier Marbouef, Suleimane Biai e Anze Persen.

5

***Macaré*, 2021**

Vídeo HD, a cores, com som, 18', 2021

Macaré é uma curta vinheta cinematográfica que retrata um fenómeno das marés que ocorre na confluência dos rios Geba e Corubal, na Guiné-Bissau, África Ocidental. O rio Geba é uma das principais vias fluviais do país, correndo do interior em direção ao Oceano Atlântico através de um extenso sistema estuarino de mangais. Em determinados momentos do ciclo das marés, a maré oceânica que entra colide com a corrente do rio, produzindo um bore ou onda de maré localmente conhecido como *macaré* — um fenómeno que só se observa em alguns locais no mundo, também conhecido no Brasil como *pororoca*.

Filmada ao longo das margens do rio, a obra regista vestígios da história humana e natural, incluindo estruturas de ramos de palmeira na linha de água e os vestígios do antigo porto militar português de Xime, situado na margem oposta do Geba. Emergindo da memória de Sana na N'Hada deste fenómeno das marés — hoje cada vez mais raro devido às alterações no fluxo do rio, aos novos padrões de precipitação e à gestão das águas a montante — o filme detém-se na água, no seu ritmo e desaparecimento, criando uma ligação íntima entre paisagem, memória e tempo.

Por Sana na N'Hada. Com Sana na N'Hada, Binete Undonque e Michel Tê. Direção de fotografia: Jenny Lou Ziegel / composição sonora: Lamin Fofana. Produção e

montagem: Filipa César. Encomenda de Jonas Tinius, produzido no âmbito da residência Minor Universality no HKW, Berlim.

6

Húmus Humanos Humildes, 2024

Vídeo HD, a cores, com som, 6'
(excerto de *Resonance Spiral*, 2019, 92')

Resonance Spiral documenta a construção do projeto Abotcha – Mediateca Onshore e as práticas agropoéticas que aí têm lugar, bem como conversas, sessões de escuta, a reabertura de arquivos, oficinas encontros comunitários. Neste excerto, *Húmus Humanos Humildes*, César e Pina confrontam-se com a realidade das suas circunstâncias, partilhando reflexões e frustrações, consumidos e, ao mesmo tempo, acolhidos pela lama dos mangais.

Por e com Marinho de Pina e Filipa César.
Direção de fotografia: Jenny Lou Ziegel. Som: João Polido Gomes.

7

Cacheu, 2012

Filme de 16 mm transferido para vídeo HD, a cores, som, 10'20"

Cacheu é uma filmagem em plano sequência de uma palestra, realizada por Joana Barrios, que gira em torno de quatro estátuas coloniais, hoje armazenadas na Fortaleza de Cacheu, um dos primeiros bastiões construídos pelos portugueses em 1588 para facilitar o comércio de pessoas escravizadas na Guiné-Bissau, país da África Ocidental. Barrios evoca conflitos simbólicos ao traçar diferentes contextos em que as estátuas surgem: num pedestal, durante o colonialismo português; destronadas e fragmentadas após

a independência, no filme *Sans Soleil* (1983) de Chris Marker; como fantasmas de fundo, em *Mortu Nega* (1988) de Flora Gomes; e, finalmente, expostas na Fortaleza de Cacheu. A montagem é um processo que ocorre antes das filmagens, de modo que a produção da imagem é o resultado de uma montagem performativa que incorpora texto, atuação, imagem projetada e o enquadramento da câmara.

Interpretado por Joana Barrios. Escrito, realizado e produzido por Filipa César. Fotografia de Matthias Biber. Som de Nuno da Luz. Assistentes de produção: Diana Artus, Jorge Biague, Joaquim Gomes, Rita Pestana. Citações e fontes: *Les Statues Meurent Aussi*, 1953 (Alain Resnais, Chris Marker); *Sans Soleil*, 1983 (Chris Marker); *Mortu Nega*, 1988 (Flora Gomes); *Brutality in Stone (Brutalität in Stein)*, 1961 (Alexander Kluge, Peter Schamoni). Filmado como uma performance ao vivo no contexto do congresso «What Happened 2081», com curadoria de Georg Diez e Christopher Roth, Kunst-Werke, Berlim. Apoiado por Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura.

8

Conakry, 2013

Filme de 16 mm transferido para vídeo HD, a cores, com som, 10'26"

Filmado na Haus der Kulturen der Welt (HKW), em Berlim, *Conakry* revisita uma bobine proveniente do arquivo cinematográfico da Guiné-Bissau (INCA). As imagens de arquivo documentam uma exposição realizada em 1972 no Palais du Peuple, em Conacri, capital da República da Guiné, iniciada e organizada por Amílcar Cabral, e que apresenta informações sobre o estado da guerra de libertação contra o domínio colonial português.

Filipa César reativa este material através de um plano sequência filmado em 16 mm, que articula imagens de arquivo, encenação contemporânea e reflexão oral num mesmo movimento contínuo. Para a apresentação de 2012, César convidou a escritora e artista portuguesa Grada Kilomba e a ativista radiofónica norte-americana Diana McCarty a reagirem às imagens e ao seu enquadramento histórico. A sua presença traz para primeiro plano questões de acesso, narração e política do olhar, enquanto a estrutura do filme sublinha a circulação das imagens ao longo do tempo, entre diferentes suportes e contextos.

O filme integra o projeto mais amplo *Luta ca caba inda*, no qual Filipa César aborda o material de arquivo não como um registo fixo, mas como uma prática viva, passível de ser reativada no presente.

Textos e performance: Grada Kilomba e Diana McCarty, direção de Filipa César. Fotografia: Matthias Biber. Som: Dídio Pestana e Nuno da Luz. Assistente de direção: Marta Leite. Direção de produção: Johanna Höhemann e Marta Leite. Técnico: Norio Takasugi.

9

Spell Reel, 2017

Filme de 16 mm transferido para vídeo HD, a cores, com som, 97'

Spell Reel (2017) desenvolve-se a partir de um conjunto de materiais fílmicos e sonoros preservados na Guiné-Bissau que documentam o surgimento do seu cinema durante e após a luta de libertação contra o domínio colonial português. Grande parte destas imagens foi capturada pela unidade de cinema do PAIGC, no âmbito do projeto

político e cultural associado a Amílcar Cabral, em que o cinema desempenhava um papel importante na educação, na memória coletiva e na solidariedade internacional.

Em estreita colaboração com os cineastas guineenses Sana na N'Hada e Flora Gomes, Filipa César envolveu-se com este material frágil num momento em que o mesmo corria risco de deterioração irreversível. Os filmes foram digitalizados em Berlim e posteriormente apresentados em vários contextos — desde aldeias rurais da Guiné-Bissau a instituições culturais internacionais. Através destas projeções, o arquivo transformase num espaço partilhado de debate, recordação e transmissão. *Spell Reel* reflete sobre a circulação das imagens no tempo e no espaço, e sobre a capacidade do cinema de preservar a memória histórica para além do seu momento original de produção.

Uma montagem coletiva compilada por Filipa César com Anita Fernandez, Flora Gomes, Sana na N'Hada, entre outros. Imagem de Jenny Lou Ziegel. Som de Dídio Pestana. Produção executiva de Suleimane Biai e coprodução de Olivier Marboeuf. Com o apoio do Arsenal – Institute for Film and Video Art e do INCA, Bissau, e financiado pelo ICA – Instituto do Cinema e Audiovisual.

10

Agropoetics of Liberation, 2019

Instalação com desenhos, pintura, objetos, livros e vídeo.

Esta instalação resultou de uma colaboração entre Ahmed Isamaldin e Filipa César, com o objetivo de mapear um percurso pelo texto *Meteorizações: Agropoesia de Libertação de Amílcar Cabral*. O texto consiste numa leitura da ainda pouco estudada obra inicial

de Amílcar Cabral no domínio da ciência do solo, entendida como um corpo de trabalho indissociável do seu projeto de luta pela libertação contra o colonialismo português na Guiné-Bissau e em Cabo Verde. Com base em estudos realizados no âmbito da prática artística, o texto explora as definições de solo e erosão desenvolvidas por Cabral enquanto agrónomo, bem como a sua reportagem sobre a exploração colonial da terra e a análise da economia comercial, para «desenterrar» a sua dupla função como cientista do solo do Estado e como «semeador» da libertação africana.

Cabral entendia a agronomia não apenas como uma disciplina que combina geologia, ciência do solo, agricultura, biologia e economia, mas como um meio de obter conhecimento materialista e contextualizado sobre as condições de vida dos povos sob o colonialismo. Os dados científicos que produziu durante o seu trabalho como agrónomo foram fundamentais para os seus argumentos teóricos, nos quais denunciava as injustiças perpetradas nas terras colonizadas, e mais tarde serviram de base para as suas estratégias de guerra. Cabral usou subversivamente o seu estatuto de agrónomo do governo colonial português para promover a luta anticolonial. Na obra, argumenta-se que os resultados da produção agronómica de Cabral - o seu cuidado com o solo e a atenção aos seus processos e transformações - não só informaram o quadro da luta de libertação, mas foram também cruciais para o processo de descolonização, entendido como um projeto de recuperação e reconstrução nacional na época pós-colonial.

11

Mined Soil, 2012-14

Instalação com objetos, livros, escultura em silicone e achados, Filme de 16 mm

transferido para vídeo HD, a cores, com som, 32'

O vídeo-ensaio *Mined Soil* revisita a vida e obra do agrónomo guineense Amílcar Cabral, que na década de 1950 estudou a erosão do solo na região portuguesa do Alentejo, até ao seu envolvimento na luta como um dos líderes do Movimento de Libertação da África. Este fio condutor entrelaça documentação sobre uma antiga mina, em fase de prospeção por uma empresa canadiana e localizada na mesma região portuguesa outrora estudada por Cabral. A narração explora o espaço, as superfícies e as texturas das imagens, propondo definições passadas e presentes do solo como repositório de memória, vestígios, exploração, crise, arsenais, tesouros e palimpsestos.

Escrito e realizado por Filipa César. Consultores de roteiro: Mónica Lima, Olivier Marboeuf, Anna Canby Monk e Diana McCarty. Investigação e desenvolvimento: Filipa César e Natxo Checa. Cinematografia: Matthias Biber e Jenny Lou Ziegel. Som: Nuno da Luz e Ricardo Ganhão. Casting do solo: Bruno Cidra. Assistente de realização: Marta Leite. Assistente de fotografia: Samuel Tavares. Produção e coordenação: Joana Botelho, Pedro Rogado. Produzido pela Galeria Zé dos Bois, Lisboa e Spectre Productions.

12

Faire Apparaître des Bêtes, 2022

Alumínio sobre papel preto de impressora ZX e tecido de algodão.

Esta obra propõe uma reabertura do arquivo através da tecedura, partindo de um bilhete enviado por Chris Marker ao cineasta Sana na N'Hada no início dos anos 80. A peça joga

com as características materiais de diferentes suportes e os modos de assinatura próprios de cada um.

O bilhete começa com Marker a refletir sobre o seu recém adquirido computador ZX81, escrevendo: “ON PEUT FAIRE APPARAÎTRE DES BÊTES” (“é possível fazer aparecer criaturas”). Termina com várias assinaturas, entre elas um gato pixelizado e a marca da própria impressora ZX. Colaboração de: Sana na N'Hada, Filipa César e Zé Interpretador.

13

Quantum Creole, 2020

Filme de 16 mm transferido para vídeo HD, CGI, a cores, com som, 40'

Uma instalação com tecidos e outros objetos

No princípio era a tecedura, e a transmissão do seu saber — uma maldição da mortalidade. É assim que termina *Quantum Creole* (Crioulo Quântico), com as palavras proverbiais do tecelão Papel, Zé Interpretador. A tecnologia de cartões perfurados, concebida para o tear têxtil, foi fundamental para o desenvolvimento do computador — e, por isso, o código binário está mais próximo do antigo ato de tecer do que do ato de escrever.

Quantum Creole é um documentário experimental que pesquisa coletivamente a criouliização e aborda as suas forças históricas, ontológicas e culturais. Referindo-se à entidade física mínima em qualquer interação — o quantum —, o filme utiliza diferentes formas de imagem para ler o potencial subversivo da tecelagem como código crioulo. Os povos crioulos da África Ocidental teceram mensagens codificadas de resistência social e política nos têxteis, contrariando as línguas e tecnologias dos colonizadores.

À medida que o novo rosto da colonização se manifesta sob a forma de uma imagem digital, transformando a *terra nullius* numa zona de comércio livre ultraliberal nas ilhas Bijagós, assinala também a continuação da violência que eclodiu há vários séculos com a criação de postos de tráfico de escravos no território então conhecido como Rios da Guiné e Cabo Verde.

Com Joana Barrios, Filipa César, Marinho de Pina, Muhammed, Lamin Jadama, Diana McCarty, Olivier Marboeuf, Odete, Semedo, Saliha Pondingo von Medem, Mark Waschke e Nelly Yaa Pinkrah. Transmissões de Wendy Hui Kyong Chun, Chico Indi e Zé Interpretador. Sons: Jin Mustafa com Super Camarimba. Provérbios crioulos recolhidos e selecionados por Teresa Montenegro. Cenografia de Lorenzo Sandoval. Fotografia de Matthias Biber, Filipa César e Jenny Lou Ziegel. Animação CGI de Harry Sanderson. Encomendado pela Haus der Kulturen der Welt, Berlim, para o projeto de investigação The New Alphabet, financiado pelo Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, Berlim Brandenburg Medienboard e Tabakalera, San Sebastián.

14

Sunstone, 2018

Filme de 16 mm transferido para vídeo HD, vídeo HDV, animação CGI, a cores, com som, 30 min.

Sunstone (2018) usa a lente Fresnel — um dispositivo ótico fundamental utilizado em faróis — como ponto de partida para examinar a relação histórica entre visão, tecnologia e poder. Desenvolvida no século XIX, a lente Fresnel desempenhou um papel crucial na navegação marítima e na vigilância costeira, tornando-se um instrumento

intimamente ligado à expansão militar, comercial e colonial.

Filmado no extremo ocidental da Europa continental, o trabalho alterna entre filme analógico, vídeo digital e animação CGI. A figura de um faroleiro, nascido durante a guerra, existe no limiar entre a escuridão e a iluminação, fundamentando o filme na experiência vivida e na memória histórica. Em vez de tratar a luz como uma força neutra de progresso, Sunstone reflete sobre como as tecnologias óticas moldaram as formas de ver, medir e controlar o mundo.

Apresentado juntamente com a instalação *Op-Film: An Archaeology of Optics*, o filme chama a atenção para as sombras, os limites e a opacidade, questionando os regimes visuais dominantes e o seu legado na produção de conhecimento contemporâneo.

O filme é acompanhado por *Refracted Spaces*, 2017, uma instalação feita com o material de pesquisa desenvolvido por Hendersen e César com Sofia Bento e Jin Mustafa, recorrendo a lentes Fresnel, poemas, material de arquivo e livros.

Com Roque Pina. Fotografia e montagem de Filipa César e Louis Henderson. Animação CGI de Philippe Cuxac. Design de som de João Polido Gomes. Produzido pela Spectre Productions e Stenar Projects.

15

The Trouble with Palms (Repérage), 2014
Filme de 16 mm transferido para vídeo HD, a cores, com som, 19'

The Trouble with Palms parte das ruínas da antiga fábrica alemã de óleo de palma e armamento — equipada com maquinaria da Krupp e de outras empresas alemãs —

que operou na ilha de Bubaque, na África Ocidental, entre as décadas de 1930 e 1980. Este ensaio procura simultaneamente revelar e complexificar, construindo uma crítica audiovisual materialista dos imaginários epistémicos ocidentais sobre o tropical e o palmáceo, a partir deste caso germanoafricano. Hoje, as ruínas dessa fábrica funcionam como subestrutura para os alicerces precários de toda a vila de Bubaque, na Guiné Bissau. As observações de Brecht e Farocki lembramnos que as imagens da fábrica raramente revelam a realidade tal como ela é. Esta arqueologia afroalemã, a exploração estética e económica ocidental da palmeira, e ainda várias leituras pertinentes da própria palavra “palma”, constituem as linhas de especulação deste ensaio fílmico.

16

Transmission from the Liberated Zones, 2015
Vídeo HD, a cores, com som, 30'

Transmission from the Liberated Zones revisita o conceito de Zonas de Libertação — os territórios organizados e administrados pelo PAIGC durante a guerra de independência do domínio colonial português na Guiné-Bissau, entre 1963 e 1974. O filme reúne documentos históricos e testemunhos ligados a várias figuras suecas que visitaram estas áreas no início dos anos 1970, refletindo o envolvimento político, cultural e humanitário da Suécia na luta anticolonial.

Depoimentos do diplomata Folke Löfgren, dos cineastas Lennart Malmer e Ingela Romare, e da figura política Birgitta Dahl são recuperados e retransmitidos através de um dispositivo visual e sonoro mediado, de baixa fidelidade. Esta transmissão é protagonizada

por um jovem, Luís Guilherme Dias, cuja presença introduz um desfasamento geracional entre passado e presente. Em vez de reconstruir acontecimentos, a obra explora a forma como experiências políticas são recordadas, transmitidas e transformadas ao longo do tempo. O filme aborda a história como um processo de circulação e recorrência, destacando a mediação como o lugar onde memória, política e imaginação se cruzam.

Com Guilherme Almeida Dias, Folke Löfgren, Lennart Malmer, Ingela Romare e Birgitta Dahl. Comissionado por Maria Lind para *Eros Effect: Art, Solidarity Movements and the Quest for Social Justice*, Tensta Tensta Konsthall.

17

Working Table, 2012

Mapa cronotopográfico do arquivo audiovisual INCA , objetos, livros

Mapa com locais, números, linhas e datas apresenta uma cartografia do arquivo audiovisual documentado armazenado na Guiné-Bissau. Habitada por objetos e artefactos da pesquisa, esta peça documenta o método intuitivo em jogo no encontro com o próprio arquivo.

FOYER DO AUDITÓRIO

Porto 1975, 2010

Filme de 16 mm transferido para vídeo HD, a cores, com som, 9'40"

Um único plano *travelling*, com a duração de um rolo inteiro de filme de 16 mm, percorre o complexo habitacional social Cooperativa das Águas Férreas da Bouça, projetado pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira, como parte integrante do Serviço Ambulatório de Apoio Social (SAAL, 1972-1976). A sua construção começou em 1975, mas só foi concluída em 2006. Foi o próprio Siza Vieira que sugeriu o percurso pelo edifício a ser seguido no filme. A certa altura, a voz do arquiteto Alexandre Alves Costa, proveniente de um atendedor de chamadas obsoleto, acompanha o percurso pelo edifício, colapsando paisagens temporais e arquivos, relatando as dificuldades inicialmente vividas em 1975, associadas à construção destas habitações, o período tumultuoso da PREC — Processo Revolucionário em Curso — e aludindo ao início do atual processo de gentrificação e crise da habitação social.

Com Alexandre Alves Costa e Álvaro Siza Vieira e a comunidade de Bouça, realizado por Filipa César, fotografia de Matthias Biber e Aurélio Vasques, design de som de Bruno Grilo e Anton Feist, produzido por Susana Lamarão, com curadoria de Julia Albani, Rita Palma e Delfim Sardo para No Place Like: 4 Houses 4 Films na 12.^a Exposição Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza, em 2010.

A exposição é composta por objetos,
livros, tecidos e documentos que evocam
a pesquisa e o ambiente onde os filmes
foram produzidos, animados por problemas,
fantasmas, magia e paixão.

WORKS ON DISPLAY MUSEUM GALLERIES

1

The Embassy, 2011

HD video, colour, sound, 27'

The Embassy (2011), marks an early moment in Filipa César's long-term engagement with archival materials from Guinea-Bissau. The film begins with a simple yet decisive gesture: a Guinean archivist handling a colonial-era photo album. This act of touching, leafing through and commenting on the images becomes the starting point for a reflection on memory, archival authority and the visual regimes inherited from Portuguese colonial rule.

The album, comprising photographs from the 1940s and 1950s, depicts landscapes, architecture and people according to the representational conventions of the colonial administration. When taken up by Armando Lona, an archivist working with the INEP archive (National Institute for Study and Research, Bissau), the material is displaced from its original framework. The images are no longer presented as neutral historical documents but are re-framed, questioned and reclaimed through Lona's reading of the album.

By exploring Lona's physical and verbal engagement with the album, the work develops as a narration of the entangled histories of Guinea-Bissau and Portugal. Rather than presenting the archive as a fixed repository of the past, the film asks who speaks, who looks and from which position, framing the archive

as a contested field of historical interpretation and political agency—concerns that later become central vectors of César's artistic practice.

Text and performance by Armando Lona, photography and montage by Filipa César, sound by Nuno da Luz, assisted by Jorge Biague and Philip Metz, shot at INEP, commissioned by Valerie Smith for Labor Berlin 5, Haus der Kulturen der Welt, Berlin.

2

Le Passeur, 2008

16mm transferred to HD video, colour, sound, 34' 30"

This two-way film installation is set on the Portuguese-Spanish border during the Estado Novo and is the first work in the exhibition, here surrounded by a series of suspended hand-painted fabrics that resulted from the performance *Score* (2025). On one screen, four former smugglers recount how they helped people cross the border illegally, sharing personal memories of solidarity and disobedience. On the opposite screen, the camera follows the River Trancoso, in the Beira Alta region of Portugal, near the border with Spain, where many of these crossings took place. By juxtaposing oral testimony with the steady flow of the river, the film brings together landscape and lived experience, foregrounding forms of resistance that took place outside official histories. The work reflects an early interest in marginalised narratives and oral memory, concerns that recur in Filipa César's later projects.

With Manuel José Carrilho de Simas Santos, Candida Laurinda Alves de Simas Santos, Marcelo Correia Ribeiro, José Teixeira Gomes, directed by Filipa César. Photography by Aurélio Vasques, crane operator: Gonçalo Colaço. Sound by Raquel Jacinto and Magnus Pfüger. Montage Assistant: Bruno Grilo. Co-production: Alexandre Azinheira. Funded by the Ellipse Foundation, Cascais.

Score, 2025

7 cotton screens, 420 × 150 cm each,
gum arabic and ultramarine pigment
Rosa César Waschke & Filipa César

one paints a line
the next immediately imitates the
line below
one continues the imitation alternating
with the next
until there is no more space below
while painting, abstain from
contemplation or judgment
soak in water
let dry
hang it

3

Navigating the Pilot School, 2016
HD, colour, sound, 11'50"

This film focuses on the Escola Piloto (pilot school) in Conakry, developed by the PAIGC during the liberation struggles of Guinea-Bissau. Conceived as a laboratory for future nation-building, the school aimed to educate Guinean children in exile while the war was still ongoing. The film combines an oral testimony by Teresa Araújo, who attended the school as a pupil, with

archival images from Guinea-Bissau. Through this dialogue between memory and archive, and through the hands of two children dismantling a wooden model of the school, the work reflects on education, transmission and the fragile construction of collective histories.

With Teresa Araújo, Guilherme Almeida Dias and Rosa César Waschke. Compiled by Filipa César and Sónia Vaz Borges, commissioned by Tom Holert for Learning Laboratories: Architecture, Instructional Technology, and the Social Production of Pedagogical Space Around 1970, BAK - basis voor actuele kunst, Utrecht

4

Mangrove School, 2022
16mm transferred to HD video, colour,
sound, 35'

Mangrove School (2022) documents a collective research project led by Filipa César and Sónia Vaz Borges on the guerrilla schools established during Guinea-Bissau's liberation struggle against Portuguese colonial rule. These schools were created in liberated territories by the PAIGC (African Party for the Independence of Guinea and Cape Verde) as part of a broader political and social project that placed education at the centre of the independence movement. Located in liberated and often hard-to-access territories, including mangrove environments that provided concealment and protection, the schools were mobile, improvised structures where people learned to read and write and took part in processes of political formation under

wartime conditions. Within this context, education is presented not only as a tool of emancipation, but as an integral form of resistance.

Rather than reconstructing this history from a distance, the film approaches research as a collective process grounded in bodily experience. Returning to the mangrove, the filmmakers become learners themselves: the first lesson is how to walk. The mangrove landscape functions as a pedagogical environment. Moving through treacherous, muddy terrain demands specific bodily responses, transforming walking into a form of learning and reactivation. Knowledge arises through attention, balance and cooperation, echoing the physical discipline required of those who once lived and studied in these environments.

Through the intertwining of historical research with present-day movement through the mangrove, the film collapses temporal distance, allowing past pedagogies to reverberate in the present. *Mangrove School* reflects on education as a practice inseparable from territory, struggle and collective life, and on learning as an activity shaped as much by bodies and landscapes as by ideas. The project is grounded in collaboration and shared learning, avoiding a position of detached observation. The mangrove operates as both a setting and metaphor: a dense, interdependent ecosystem that mirrors collective forms of knowledge, survival and political organization.

Featuring Amadeu Pereira na Onça, Bedam na Onça, Bissabonha Bissora na Onça, Bangna Agostinho Manque,

Braima Quelenque, Cristina João Bico Mendes, Djenabu Mendes, Genê Psolé na Saué, Geraldo na Onça, Iaia Camará, Iaia Mendes, Jardel Dabo, Marcelino Mutna, Marinho de Pina, N'sae Ndiba, Pedro Bedam na Onça, Rui Nene Djata, Sofmba na Dua, Suleimane Biai and the more-than-human beings of the Malafo community. Convened and directed by Filipa César & Sónia Vaz Borges. Cinematography by Jenny Lou Ziegel. Sound by Marinho de Pina and João Polido Gomes. Co-produced by Filipa César, Olivier Marbouef, Suleimane Biai and Anze Persen.

5

Macaré, 2021

HD, colour, sound, 18'

Macaré is a short cinematic note depicting a tidal phenomenon that occurs where the Geba River meets the Corubal River, in Guinea-Bissau, West Africa. The Geba River is one of the country's main waterways, flowing from the interior towards the Atlantic Ocean through an extensive estuarine system of mangroves. At specific moments in the tidal cycle, the incoming ocean tide collides with the river's current, producing a tidal bore locally known as *macaré*—a phenomenon observed in only a few places worldwide, also known in Brazil as *pororoca*.

Filmed along the riverbanks, the film registers material traces of human and natural history, including palm branch structures on the shoreline and the remains of the former Portuguese military port of Xime, on the opposite bank of the Geba. Emerging from

Sana na N'Hada's memory of this tidal phenomenon, now increasingly rare due to changes in river flow, rainfall patterns and upstream water regulation, the film attends to water, rhythm and disappearance, drawing a connection between landscape, memory and geological time.

By Sana na N'Hada. With Sana na N'Hada, Binete Undonque and Michel Tê. Photography by Jenny Lou Ziegel. Sound composition by Lamin Fofana. Production and montage: Filipa César. Commissioned by Jonas Tinius, produced in the context of the Minor Universality residency at HKW, Berlin.

6

Húmus Humanos Humildes, 2024
HD, colour, sound, 6' (an excerpt from Resonance Spiral, 2024, 92')

Resonance Spiral documents the construction of the Abotcha - Mediateca Onshore project and the agropoetic practices that take place there, conversations, listening sessions, the reopening of archives, workshops and community gatherings. In this excerpt, *Húmus Humanos Humildes*, César and Pina grapple with the reality of their circumstances, sharing their insights and frustrations, consumed and embraced by the mud of the mangroves.

By and with Marinho de Pina and Filipa César, photography Jenny Lou Ziegel, sound João Polido Gomes.

7

Cacheu, 2012
16 mm film transferred to HD video, colour, sound, 10' 20"

Cacheu is a 10-minute shot of a lecture, performed by Joana Barrios, revolving around four colonial statues, which are stored today at the Fortress of Cacheu, one of the first bastions constructed by the Portuguese in 1588 in order to facilitate the trade of enslaved people in the West African country of Guinea-Bissau. Barrios evokes symbolic conflicts by tracing back different contexts in which the statues make an appearance: on a pedestal during Portuguese colonialism, dethroned and broken into pieces after Independence in the film *Sans Soleil* (1983) by Chris Marker, as background ghosts in *Mortu Nega* (1988) by Flora Gomes, and finally displayed at the Fortress of Cacheu. The montage is a process that takes place before shooting, so that the image production is a result of a performative assemblage of text, acting, projected image and the framing of the camera.

Performed by Joana Barrios, written, directed and produced by Filipa César; photography by Matthias Biber and sound by Nuno da Luz. Production assistants: Diana Artus, Jorge Biague, Joaquim Gomes, Rita Pestana. Quotes and sources: *Les Statues Meurent Aussi*, 1953 (Alain Resnais, Chris Marker); *Sans Soleil*, 1983 (Chris Marker); *Mortu Nega*, 1988 (Flora Gomes); *Brutality in Stone* (*Brutalität in Stein*), 1961 (Alexander Kluge, Peter Schamoni). Shot as a live performance in the context of "What happened 2081" congress curated by Georg Diez and Christopher Roth,

Kunst-Werke, Berlin. Supported by Guimarães 2012 – European Capital of Culture.

8

Conakry, 2013

16 mm film transferred to HD video, colour, sound, 10' 26"

Staged at Haus der Kulturen der Welt (HKW) in Berlin, *Conakry* revisits a single reel from Guinea-Bissau's film archive (INCA). The archival footage documents an exhibition held in 1972 at the Palais du Peuple in Conakry (People's Palace), the capital of the Republic of Guinea, organized by Amílcar Cabral, offering a commentary on the state of the liberation war against Portuguese colonial rule.

Filipa César reactivates this material through a 16mm, single-shot sequence that combines archive footage, present-day staging and spoken reflection within a single, continuous take. In 2012, César invited the Portuguese writer and artist Grada Kilomba and media and radio activist Diana McCarty to respond to the images and their historical framing. Their presence draws attention to questions of access, narration and the act of looking, while the film's structure traces the passage of images across time, media and contexts.

The film forms part of the broader project *Luta ca caba inda*, in which Filipa César approaches archival material not as a fixed record, but as a living practice to be reactivated in the present.

Texts and performance: Grada Kilomba and Diana McCarty, directed by Filipa César.

Photography: Matthias Biber.
Sound: Dídio Pestana and Nuno da Luz.
Assistant director: Marta Leite.
Production manager: Johanna Höhemann and Marta Leite.
Technician: Norio Takasugi.

9

Spell Reel, 2017

HD video, and 16 mm transferred to video, colour, sound, 97'

Spell Reel (2017) focuses on a body of film and sound materials preserved in Guinea-Bissau that document the emergence of its cinema during and after the liberation struggle against Portuguese colonial rule. Much of this footage was produced by the PAIGC's film unit as part of the broader political and cultural project associated with Amílcar Cabral, in which cinema played a role in education, collective memory and international solidarity.

Working in close collaboration with Guinean filmmakers Sana na N'Hada and Flora Gomes, Filipa César engages with these fragile materials at a moment when they were at risk of irreversible deterioration. The films were digitised in Berlin and subsequently shown in a range of contexts, from rural villages in Guinea-Bissau to international cultural institutions. Through these screenings, the archive becomes a space for discussion, recollection and transmission. *Spell Reel* reflects on the circulation of images across time and geography, and on cinema's role in sustaining historical memory beyond its original moment of production.

A collective film compiled by Filipa César with Anita Fernandez, Flora Gomes, Sana na N'Hada et al. Photography by Jenny Lou Ziegel. Sound by Dídio Pestana. Executive producer Suleimane Biai and co-produced by Olivier Marboeuf. Supported by Arsenal - Institute for Film and Video Art, INCA, Bissau and funded by ICA- Instituto do Cinema e Audiovisual.

10

Agropoetics of Liberation, 2019

Installation with drawings, painting, objects, books, and film.

This installation resulted from a collaboration between Ahmed Isamaldin and Filipa César, seeking to map a space to walk through the text *Meteorisation: Amílcar Cabral's Agropoetics of Liberation*. The text is a reading of Amílcar Cabral's under-studied early soil science as a body of work not dissociable from his liberation struggle project opposing Portuguese colonialism in Guinea-Bissau and Cape Verde. Drawing on research situated within an artistic practice, the text explores the definitions of soil and erosion that Cabral developed as an agronomist, as well as his study of colonial land exploitation and analysis of the trade economy, to "unearth" his dual agency as a state soil scientist and as a 'seeder' of African liberation.

Cabral understood agronomy not merely as a discipline combining geology, soil science, agriculture, biology and economics but as a means to gain materialist and situated knowledge about peoples' lived conditions under colonialism. The scientific data he

produced during his work as an agronomist were critical to his theoretical arguments in which he denounced the injustices perpetrated on colonized land and subsequently informed his warfare strategies. Cabral subversively used his status as an agronomist for the Portuguese colonial government to further the anti-colonial struggle. In this work it is argued that the results of Cabral's agronomic production – his care for the soil and attention to its processes and transformations – not only shaped the framework of the liberation struggle, but were crucial to the process of decolonization, understood as a project of reclamation and national reconstruction in the post-colonial context.

11

Mined Soil, 2012-14

Installation with objects, books, silicone sculpture and findings, 16 mm film transferred to HD video, color, sound, 32',

The film-essay *Mined Soil* revisits the work of the Guinean agronomist Amílcar Cabral, studying in the 50's the erosion of soil in the Portuguese Alentejo region through to his engagement as one of the leaders of the African Liberation Movement. This line of thoughts intertwines a documentation on an experimental gold mining site, operated today by a Canadian company and located in the same Portuguese area once studied by Cabral. The voice over explores the space, surfaces and textures of the images, proposing past and present definitions of soil as a repository of memory, trace, exploitation, crisis, arsenal, treasure and palimpsest.

Written and directed by Filipa César.
Script consultants: Mónica Lima,
Olivier Marboeuf, Anna Canby Monk
and Diana McCarty. Research and
development: Filipa César and Natxo
Checa, Cinematography: Matthias Biber
and Jenny Lou Ziegel. Sound: Nuno da
Luz and Ricardo Ganhão; Soil casting:
Bruno Cidra, Director's assistant: Marta
Leite. Assistant of photography: Samuel
Tavares, Production and coordination:
Joana Botelho, Pedro Rogado. Produced
by Galeria Zé dos Bois, Lisbon and
Spectre Productions.

12

Faire Apparaître des Bêtes, 2022
Aluminium on black paper with zx
printer and cotton weave.

An archival activation in the form of
a weave, based on a note from Chris
Marker to filmmaker Sana na N'Hada from
the early 1980s. The work plays with the
materiality of different media formats and
signatures. The note begins with Marker
reflecting on his new ZX81 computer,
stating "ON PEUT FAIRE APPARAÎTRE DES
BÊTES" (one can make creatures appear).
The note ends with multiple signatures,
including a pixelated cat pictogram and
the "zx printer" itself. A collaboration
between Sana na N'Hada, Filipa César
and Zé Interpretador .

13

Quantum Creole, 2020
16 mm transferred to HD, video, CGI,
color, sound, 40', installation with
weaves and objects

In the beginning was the Weave, and
the imparting of its workings, a curse
of mortality – so ends *Quantum Creole*
with the proverbial words of the Papel
weaver, Zé Interpretador. The punch-
card technology that was designed for
the textile loom, was fundamental to the
development of the computer – binary
code is therefore closer to the ancient
act of weaving than to that of writing.
Quantum Creole is an experimental
documentary film collectively
researching creolization and addressing
its historical, ontological and cultural
forces. Referring to the minimum
physical entity in any interaction –
quantum – the film utilizes different
imaging forms to read the subversive
potential of weaving as Creole code.
West African Creole people wove
coded messages of social and political
resistance into textiles, countering the
colonists' languages and technologies.

As the new face of colonization
manifests itself as a digital image,
upgrading terra nullius in the form
of an ultra-liberal free trade zone in
the Bissagos Islands, it also marks
the continuation of the violence that
erupted several centuries ago with
the creation of slave-trading posts in
the place then known as the Rivers of
Guinea and Cape Verde.

With Joana Barrios, Filipa César,
Marinho de Pina, Muhammed, Lamin
Jadama, Diana McCarty, Olivier
Marboeuf, Odete, Semedo, Saliha
Pondingo von Medem, Mark Waschke,
and Nelly Yaa Pinkrah. Transmissions
by Wendy Hui Kyong Chun, Chico
Indi, and Zé Interpretador. Sounds:
Jin Mustafa with Super Camarimba.

Kriol proverbs collected and selected by Teresa Montenegro. Scenography by Lorenzo Sandoval. Photography by Matthias Biber, Filipa César and Jenny Lou Ziegel. CGI animation by Harry Sanderson. Commissioned by Haus der Kulturen der Welt, Berlin, for The New Alphabet research project, financed by Calouste Gulbenkian Museum, Lisbon, Berlin Brandenburg Medienboard and Tabakalera, San Sebastián.

14

Sunstone, 2018

16mm transferred to HD video, HDV video, CGI animation, color, sound, 30'

Sunstone (2018) takes the Fresnel lens—a key optical device used in lighthouses—as a lens through which to unfold a critical inquiry into the historical relationship between vision, technology and power. Developed in the nineteenth century, the Fresnel lens played a crucial role in maritime navigation and coastal surveillance, becoming an instrument closely linked to military, commercial and colonial expansion.

Filmed at the westernmost edge of continental Europe, the work moves between analogue film, digital video and CGI animation. The figure of a lighthouse keeper, born during wartime, exists on the threshold between darkness and illumination, grounding the film in lived experience and historical memory. Rather than treating light as a neutral force of progress, *Sunstone* reflects on how optical technologies have shaped ways of seeing, measuring and controlling the world. Presented alongside the installation *Op-Film: An*

Archaeology of Optics, the film draws attention to shadows, limits and opacity, foregrounding a politics of opacity against dominant regimes of visibility and their legacy in contemporary knowledge production.

The film is accompanied by *Refracted Spaces*, 2017, an installation made with the research material developed by Hendersen and César with Sofia Bento and Jin Mustafa using the Fresnel lenses, poems, archival material and books

With Roque Pina. Photography and montage by Filipa César and Louis Henderson. CGI animation by Philippe Cuxac. Sound design by João Polido Gomes. Produced by Spectre Productions and Stenar Projects.

15

The Trouble with Palms (repérage), 2014
16 mm film transferred to HD video, colour, sound, 19'

The Trouble with Palms takes as its starting point the ruins of the German palm oil and arsenal factory – equipped with Krupp and other German machinery – that operated on the West African island of Bubaque between the 1930s and 1980s. This essay seeks to be both revelatory and complexifying, in a materialistic audiovisual critique of Western palm/tropical epistemic imaginaries engendered by this German/African case. Today, the ruins of this factory serve as a substructure for the precarious foundations of the entire village of Bubaque in Guinea-Bissau. Citing cineastes like Trinh T Minh Ha, Robert Bresson and Harun Farocki, this

film essay addresses the tangled Western aesthetic and economic exploitation of the palm tree and various pertinent readings of the word *palm* itself.

16

Transmission from the Liberated Zones, 2016

HD video, colour, sound, 30'

Transmission from the Liberated Zones revisits the concept of Liberated Zones, the territories marshalled and administered by the PAIGC during the liberation war against Portuguese colonial rule in Guinea-Bissau between 1963 and 1974. The film brings together historical documents and testimonies connected to Swedish figures who visited these areas in the early 1970s, reflecting Sweden's political, cultural and humanitarian engagement with the anti-colonial struggle. Statements by diplomat Folke Löfgren, filmmakers Lennart Malmer and Ingela Romare, and politician Birgitta Dahl have been retrieved and relayed through a mediated, low-fidelity visual and sonic channel. This "transmission" is performed by a young boy, Luís Guilherme Dias, introducing a generational distance between past and present. Rather than reconstructing events, the work explores how political experiences are remembered, transmitted and transformed over time. The film approaches history as a process of circulation and recurrence, emphasizing mediation as a condition through which memory and politics are articulated.

With Guilherme Almeida Dias, Folke Löfgren, Lennart Malmer, Ingela Romare, and Birgitta Dahl. Commissioned by

Maria Lind for Eros Effect: Art, Solidarity Movements and the Quest for Social Justice, Tensta Konsthall.

17

Working Table, 2012

Cronotopographic map of the INCA audiovisual archive, objects and books

Map with places, numbers, lines and dates presents a cartography of the audiovisual archive documenting stored in Guinea-Bissau. Inhabited by objects and artefacts from the research, this piece documents the intuitive method at stake in the encounter with the archive itself.

AUDITORIUM FOYER

Porto 1975, 2010

16mm film transferred to HD video,
colour, sound, 9'40"

The exhibition is inhabited by objects, books, weaves, documents that evoke the research and environment where the films were produced, animated by troubles, ghosts, magic and passion.

A single tracking shot, with the duration of the entire 16 mm film reel, unfolds through the social housing complex, Cooperativa das Águas Férreas da Bouça, designed by the architect Álvaro Siza Vieira as an integral part of the Ambulatory Service of Social Support (SAAL, 1972–76). Its construction began in 1975 but was only completed in 2006. Siza Vieira himself suggested the path to wander through the building in the film. At some point, the voice of the architect Alexandre Alves Costa, coming from an obsolete answering machine, accompanies the path through the building, collapsing timescapes and archives, recounting the difficulties first experienced in 1975, associated to construction of these dwellings, the tumultuous period of PREC - post-revolutionary Portugal and hints at the beginning of the current gentrification process and social housing crisis.

With Alexandre Alves Costa and Álvaro Siza Vieira and the community of Bouça, directed by Filipa César, photography by Matthias Biber and Aurélio Vasques, sound design by Bruno Grilo and Anton Feist, produced by Susana Lamarão, curated by Julia Albani, Rita Palma and Delfim Sardo for No Place Like: 4 Houses 4 Films at the 12th International Architecture Exhibition of the Venice Biennale, in 2010.

PUBLICAÇÃO PUBLICATION

O livro *Meteorizações*, publicado pelo Museu de Serralves em parceria com a Universidade Católica Portuguesa e a Archive Books complementa esta exposição, com um vasto conjunto de reflexões, documentos e profusas ilustrações, retrazendo os 15 anos do projeto *Luta ca caba inda* e outros que com este se cruzaram. Entre recensões críticas, estudos académicos, correspondências, registos de conversas e testemunhos de participantes e aliados do processo, surgem também documentos e materiais de pesquisa, e alguns dos trabalhos de investigação de Filipa César, nomeadamente o texto que dá título ao volume. Seguindo a cronologia do processo e dos vários filmes, performances, exposições, publicações, incluindo caminhos que não se concretizaram, o livro abre-se em rizoma, ou antes em mangue, onde céu e terra, ramo e raiz se confundem.

The book *Meteorizations*, published by the Serralves Museum in partnership with Universidade Católica Portuguesa and Archive Books, complements this exhibition with a wide range of reflections, documents and profuse illustrations, retracing the 15 years of the *Luta ca caba inda* project and others that intersected with it. Among critical reviews, academic studies, correspondence, records of conversations and testimonies from participants and allies in the process, the book also features documents and research materials, as well as some of Filipa César's own research work, namely the text that gives the volume its title. Following the chronology of the process and the various films, performances, exhibitions, and publications, including paths that did not materialise, the book spreads open like a rhizome, or rather a mangrove, where sky and earth, branch and root merge.

SOBRE A ARTISTA **ABOUT THE ARTIST**

Filipa César é cineasta, investigadora, educadora e organizadora comunitária. Interessa-se pelas fronteiras fluídas entre o cinema e a sua receção, pelas políticas e poéticas da imagem em movimento e pelas práticas arquivísticas. Desde 2011, César tem vindo a investigar coletivamente a prática de cinema militante e a *agropoética* do Movimento de Libertação Africano na Guiné-Bissau, através da produção de oficinas, arquivos, textos, filmes, performances, publicações e encontros comunitários. Com cine-afinidades e alianças, iniciou o projeto arquivístico experimental *luta ca caba inda* no âmbito dos projetos de investigação *Living Archive* (2011-2013) e *Visionary Archive* (2013-2015) do Arsenal – Institute for Film and Video Art, em Berlim. César foi cofundadora da Abotcha – Mediateca Onshore em Malafo (Guiné-Bissau) em 2018 e ocupa o professorado de Time-based Media e Performance na HfG Karlsruhe desde 2023. Co-organizou vários encontros, incluindo o workshop e publicação *Anti-colonial Records* com a Archive Books, e o campo de treino antirracista *O Que Fazer Junto*. César estreou o seu primeiro filme-ensaio de longa-metragem, *Spell Reel*, na secção Forum da Berlinale em 2017. Os seus filmes e instalações foram apresentados mundialmente em festivais e museus como Gasworks, Londres; Seminário Flaherty e MoMA, Nova Iorque; Forum e Forum Expanded da Berlinale; Fundação Gulbenkian, Lisboa/Paris; Harvard Art Museum, Boston; SAVVY Contemporary e HKW, Berlim; e GfZK, Leipzig, entre outros.

Filipa César is a filmmaker, researcher, educator, and community organizer. She is interested in the fluid borders between cinema and its reception, the politics and poetics of the moving image, and archival practices. Since 2011, César has been collectively researching the militant cinema practice and the agropoetics of the African Liberation Movement in Guinea-Bissau, through the production of workshops, archives, texts, films, performances, publications, and community gatherings. With cine-kins and allies, she initiated the experimental archival project *luta ca caba inda* within the research projects *Living Archive* (2011-2013) and *Visionary Archive* (2013-2015) at the Arsenal – Institute for Film and Video Art in Berlin. César co-founded the Abotcha – Mediateca Onshore in Malafo (Guinea-Bissau) in 2018, and has been Professor of Time-based Media and Performance at HfG Karlsruhe since 2023. She co-organized several gatherings, including the *Anti-colonial Records* workshop and publication with Archive Books, and the anti-racist training camp *O Que Fazer Junto*. César premiered her first feature-length essay film, *Spell Reel*, in the Forum section of the Berlinale in 2017. Her films and installations have been presented worldwide at festivals and art venues including Gasworks, London; the Flaherty Seminar and MoMA, New York; the Berlinale Forum and Forum Expanded; the Gulbenkian Foundation, Lisbon/Paris; the Harvard Art Museum, Boston; SAVVY Contemporary and HKW, Berlin; and GfZK, Leipzig, among others.

AGRADECIMENTOS DA ARTISTA

Um agradecimento muito especial a Inês Grosso pelo desafio de realizar esta complexa assembleia de filmes, vozes e arquivos; a Philippe Vergne e a Marta Moreira de Almeida, pela confiança e pelas possibilidades; bem como a Manuel Ferreira da Silva e aos restantes membros do Conselho de Administração da Fundação Serralves, assim como aos seus fundadores, mecenas e ao Estado Português, pelos meios disponibilizados. À curadora Paula Nascimento e à Amarante Abramovici, por aceitarem percorrer este caminho connosco, pelo cuidado e pelas contribuições sábias e indispensáveis. À Mariana Barbosa Mateus e Inês Freire por imaginarem o espaço e os materiais. Ao produtor Rui Manuel Vieira, que veio tornar tudo possível. A minha gratidão à equipa de Serralves, em particular a Andreia Soares, Anabela Silva, Carina Bastos, Cristiana Silva, Carlos Teixeira, Carlos Campos, Daniela Oliveira, Daniela Lino, David Lima, Filipa Loureiro, Giovana Gabriel, Hugo Castro, Mai-Britt Antas, Ricardo Barros e Silvia Sacadura. À equipa do parque, do programa educativo, guardas, assistentes de sala e equipa do restaurante e bar. Gratidão ao António Preto e ao Pedro Crispim pela colaboração com a Casa do Cinema. Ao meu querido amigo Guilherme Monteiro e à Patrícia Azevedo pela colaboração nas pinturas. Ao Rafal Krol e à equipa da Eidotech, Gonçalo Santarém, Filipe Oliveira, Raquel Machado e Rui Barroso, ao António Silva, ao Renato Branco e colaboradores, e à equipa

da Cânamor, pelos equipamentos e pela montagem. Aos colaboradores de longa data na criação da imagem e do som dos filmes, Bárbara Marcel, Jenny Lou Ziegel, João Polido Gomes, Nuno da Luz, Jin Mustafa, Sofia Bento, Rita Pestana, Matthias Biber, Pedro Maia, Philip Kojo Metz e Dídio Pestana. Um agradecimento especial a toda a equipa do projeto Luta ca caba inda, particularmente a Aissatu Seidi, Braima Conté, Flora Gomes, Markus Ruff, Sana na N'Hada, Stefanie Schulte Strathaus, Suleimane Biai e Tobias Hering et al. Aos protagonistas e colaboradores nos filmes e nas peças Ahmed Isamaldin, Alexandre Azinheira, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza Vieira, Armando Lona, Cândida Laurinda Alves de Simas Santos, Chico Indi, Diana McCarty, Grada Kilomba, Gui Dias, Joana Barrios, José Teixeira Gomes, Louis Henderson, Manuel José Carrilho de Simas Santos, Marcelo Correia Ribeiro, Marinho de Pina, Mark Waschke, Nelly Yaa Pinkrah, Odete Semedo, Olivier Marboeuf, Rosa César Waschke, Roque Pina, Saliha Pondingo von Medem, Sana na N'Hada, Sónia Vaz Borges, Wendy Hui Kyong Chun e Zé Interpretador. E à equipa da Abotcha - Mediateca e à comunidade de Malafo na Guiné-Bissau. Aos criativos produtores Anže Peršin e Olivier Marboeuf pelo cuidado, ideias e apoio. À guerreira Cristina Guerra e toda a equipa da Galeria. Gratidão pelo apoio do colecionador Armando Cabral. Ao Daniel Ribas e ao Nuno Crespo, da Escola das Artes UCP, pelo apoio e pelo espaço. À equipa que desenvolveu o livro com a Amarante Abramovici, António Silveira Gomes, Claudia Castelo e Rita Estevinha (Barbara Says), Teresa Montenegro, Joana Sousa e

Tiago Lança. Agradeço as contínuas conversas com os autores Ala Younis, Christa Blümlinger, Emily Fahlén, Érik Bullo, Leo Goldsmith, Minh Nguyen, Natasha Ginwala, Raquel Schefer e Volker Pantenburg. Às amigas e amigos que me guiam e acompanham, em especial a Marta Lança, Nuno Lisboa, Nuno M. Cardoso, Marinho de Pina, Stefanie Schulte Strathaus, Valentina Desideri, Denise Ferreira da Silva, Mû Mbanda, Manuel Alves, Emília Cardoso, Sana na N'Hada, Ornatos, Carina Constantino e Regina Guimarães. A toda a minha família, ao apoio da mana Catarina Azinheira e, particularmente, à minha mãe, Elsa César, e ao meu pai, Jaime Azinheira, pelo amor incondicional e por me fazerem crescer num espaço criativo, político e de muito humor e dança. Ao Mark pela base e cuidado. À filha Rosa e ao filho Gui, pelo amor e aprendizagem. Perdão aos que magoei no processo. Gratidão às ancestrais, que guiam presentes de outra forma; a todas as amigas e amigos, colaboradoras e colaboradores, e participantes nos projetos e encontros. A luta ainda não acabou.

ACKNOWLEDGEMENTS FROM THE ARTIST

A very special thanks to Inês Grosso for taking on the challenge of putting together this complex assembly of films, voices and archives; to Philippe Vergne and Marta Moreira de Almeida, for their trust and for the possibilities they created; as well as to Manuel Ferreira da Silva and the other members of the Board of Directors of the Serralves Foundation, as well as its founders, patrons and the Portuguese State, for the resources made available. To curator Paula Nascimento and Amarante Abramovici, for agreeing to walk this path with us, for their care and sage, indispensable contributions. To Mariana Barbosa Mateus and Inês Freire for imagining the space, the materials and the paths. To producer Rui Manuel Vieira, who made everything possible and materialising at the right pace. My gratitude to the Serralves Museum team, in particular Andreia Soares, Anabela Silva, Carina Bastos, Cristiana Silva, Carlos Teixeira, Carlos Campos, Daniela Oliveira, Daniela Lino, David Lima, Filipa Loureiro, Giovana Gabriel, Hugo Castro, Mai-Britt Antas, Ricardo Barros and Sílvia Sacadura. To the park team, the educational programme team, and all guards and assistants. To the park team, the educational programme team, guards, room assistants and the restaurant and bar team. Thanks to António Preto and Pedro Crispim for their collaboration with Casa do Cinema. To Rafal Krol and the Eidotech team, Gonçalo Santarém, Filipe Oliveira, Raquel Machado, Rui Barroso, António Silva, Renato Branco and collaborators, and the Cãnhamor team, for the equipment

and montage. To my long-standing collaborators in creating the image and sound of the films, Bárbara Marcel, Jenny Lou Ziegel, João Polido Gomes, Nuno da Luz, Jin Mustafa, Sofia Bento, Rita Pestana, Matthias Biber, Pedro Maia, Philip Kojo Metz and Dídio Pestana. Special thanks to the entire team of the Luta ca caba inda project, particularly Aissatu Seidi, Braima Conté, Flora Gomes, Markus Ruff, Sana na N'Hada, Stefanie Schulte Strathaus, Suleimane Biai, and Tobias Hering. To the protagonists and collaborators in the films and pieces Ahmed Isamaldin, Alexandre Azinheira, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza Vieira, Armando Lona, Cândida Laurinda Alves de Simas Santos, Chico Indi, Diana McCarty, Grada Kilomba, Gui Dias, Joana Barrios, José Teixeira Gomes, Louis Henderson, Manuel José Carrilho de Simas Santos, Marcelo Correia Ribeiro, Marinho de Pina, Mark Waschke, Nelly Yaa Pinkrah, Odete Semedo, Olivier Marboeuf, Rosa César Waschke, Roque Pina, Saliha Pondingo von Medem, Sana na N'Hada, Sónia Vaz Borges, Wendy Hui Kyong Chun and Zé Interpretador. And to the Abotcha - Mediateca team and the community of Malafo, Guinea-Bissau. To the creative producers Anže Peršín and Olivier Marboeuf for their care, ideas and support. To the warrior Cristina Guerra and her entire team at the Gallery. Gratitude to collector Armando Cabral. To Daniel Ribas and Nuno Crespo from the UCP School of Arts for their support and space. To the team that developed the book with Amarante Abramovici, António Silveira Gomes, Claudia Castelo, Rita Estevinha (Barbara Says), Teresa Montenegro, Joana Sousa and Tiago Lança. I am

grateful for the ongoing conversations with authors Ala Younis, Christa Blümlinger, Emily Fahlén, Érik Bullot, Leo Goldsmith, Minh Nguyen, Natasha Ginwala, Raquel Schefer, and Volker Pantenburg. To my friends who guide and accompany me, especially Marta Lança, Nuno Lisboa, Nuno M. Cardoso, Marinho de Pina, Stefanie Schulte Strathaus, Valentina Desideri, Denise Ferreira da Silva, Mû Mbana, Manuel Alves, Emília Cardoso, Sana na N'Hada, Carina Constantino, Ornatos and Regina Guimarães. To my entire family, the support of my sister Catarina Azinheira, and particularly to my mother, Elsa César, and my father, Jaime Azinheira, for their unconditional love and shoulder and for raising me in a creative, political and humorous, dancing environment. To Mark for the base and care. To my daughter Rosa and my son Gui, for the love and teachings. My apologies to those I may have hurt in the process. Gratitude to the ancestors, who guide, present otherwise; to all friends, collaborators and participants in the projects and gatherings. The struggle is not over yet.

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h – 13h e 14h30 – 17h)

Minimum two-week advance booking is required.
For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 am – 1 pm and 2:30 pm – 5 pm)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt

Tel. (linha direta direct line): 226 156 546

Tel: 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional. Calls to the national landline network.

Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt

www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

Onde pode fazer uma pausa, acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após a visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATION AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linha geral General lines:

(+351) 808 200 543


(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional.

Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 [/fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

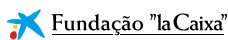
 [/fundacaoserralves](https://www.youtube.com/fundacaoserralves)

 [/serralves](https://twitter.com/serralves)

Apoio Institucional
Institutional Support



Mecenas do Museu
Museum Sponsor



Mecenas da exposição
Exhibition sponsor

